

Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessadas em desenvolver carreira política

Paulo Roberto Leandro

mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da UFBA, Professor de Jornalismo Especializado da FSBA e Editor-chefe do diário

esportivo baiano A Tarde Esporte Clube.

RESUMO

A origem do jornalismo esportivo remonta às crônicas de Homero, precursor ao narrar as corridas em Tróia. Mas, somente no século XIX, começa a se diferenciar em relação ao noticiário geral, construindo sua autonomia dentro do formato da imprensa convencional. Esta manifestação da imprensa vem servindo para o desenvolvimento de carreiras políticas, mas revela uma crescente capacidade de ganhar autonomia. **Palavras-chave:** Jornalismo, esporte, política, autonomia, especialização.

ABSTRACT

The origin of the sporting journalism remounts to the chronicles of Homero, precursor when narrating the races in Troia. But only in the 19th century it begins differing in relation to the general news section, building its autonomy inside the format of the conventional press. This manifestation of the press helps the development of political careers, but it reveals a growing capacity to get autonomy.

Keywords: Journalism, sport, politics, autonomy, specialization.

RESUMEN

El origen del periodismo deportivo viene desde las crónicas de Homero, que ha iniciado con las narraciones de las corridas en Toia. Pero, solo en el siglo XIX empieza a se diferenciar en comparación al noticiario en general, construyendo su autonomía dentro del formato de la imprenta convencional. Esa manifestación de la imprenta viene sirviendo para el desenvolvimiento de carreras políticas, mas revela una creciente capacidad de ganar autonomía.

Palabras-clave: Periodismo, deporte, política, autonomía, especialización.

Homero pode ser considerado o pioneiro da crônica esportiva mundial especializada, por sua narração, na “Ilíada”, da corrida em que Ulisses venceu Ajax. Mas a publicação de material específico sobre esporte, no formato de página impressa, dentro do que se convencionou chamar imprensa, é um fenômeno muito mais recente na história da civilização. A rigor, o jornalismo esportivo mundial origina-se do jornalismo geral, e não chegou ainda ao final de seu segundo século.

Entre as raras referências sobre o tema de que se tem notícia, o autor francês Edouard Seidler aponta como o mais antigo órgão esportivo no mundo o inglês *Bell's Life*. Fundado em 1838, depois passou a se denominar *Sporting Life*. Seu surgimento ocorre com o fortalecimento de clubes e federações na era moderna do esporte mundial, caracterizada pela organização em instituições. O jornalismo como fenômeno moderno, portanto, somente veio a se fortalecer com o advento do capitalismo¹.

Na França, Seidler registra a fundação do jornal *Le Sport*, editado por Eugene Chapus em 1854, com o objetivo de realizar a crônica do haras, do turfe e da caça, além de oferecer seções sobre canoagem, natação, pesca, boxe francês e inglês, luta, bilhar e outros esportes².

Nestes primórdios, o *L'Equipe*, primeiro diário esportivo do mundo, é uma demonstração, por seu estilo e linguagem, de que a tradição da crônica iniciada com Homero antecede o *jornalismo esportivo* como gênero, como campo especializado capaz de constituir editoria fixa. O hipismo entrou nas páginas dos jornais no século XIX. Até então, só obtinham espaço na imprensa o boxe inglês e francês, o iatismo e a esgrima. Os pioneiros do jornalismo esportivo despontam nos jornais populares.

O neo-olimpismo do Barão Pierre de Coubertin, em sua luta para reorganizar os Jogos Olímpicos, foi decisivo para consolidar o esporte como tema social da mais alta relevância, abrindo a trilha que levou até as páginas de jornais. A *Revue Athletique*, veículo próprio de Coubertin, serviu de incentivo para a imprensa esportiva francesa e mundial. De 1919 a 1939, o fenômeno registrado é que o esporte, antes abordado de forma didática pela imprensa, passa a ser encarado com autonomia e como informação específica. O jornalismo esportivo se fortalece e os livros sobre esportes também começam a se tornar mais lidos.

A imprensa esportiva na França consolida-se em um contexto de conscientização da população sobre a importância e o valor do esporte para a saúde e o entendimento da cidadania. A crônica ainda é o gênero preferido, ao invés da cobertura dos eventos esportivos. Nos Estados Unidos, a imprensa esportiva começou a ganhar destaque apenas na década de 20 do século passado.

Outro indício da resistência ao novo tema é oferecido pela academia norte-americana-

na. As pesquisas sociológicas ou de comunicação, como seria de esperar num país onde elas ocorrem com frequência, são raras nessa área. No Brasil, até escritores brasileiros renomados, como *Graciliano Ramos*³ e *Lima Barreto*⁴, viam no futebol uma importação desnecessária de valores estranhos à pauta e combatiam o ludopédio, como denominavam o esporte.

O incremento do jornalismo esportivo deve-se à ênfase que a sociedade passou a dar às atividades físicas e que levou cada vez mais as pessoas a praticarem esportes⁵. Por causa dessa expansão, muitos leitores de páginas esportivas são corrosivamente críticos, pois cada um se julga um *expert* de seu esporte e clube favoritos. Cada erro de um redator esportivo é flagrado com rigor, com o agravante de que a paixão dedicada à modalidade ou ao clube agrava o sentimento de revolta deste leitor, implacável contra o jornalista supostamente desinformado.

Ainda assim, igualmente como atividade menor dentro da imprensa brasileira, o esporte foi encontrando seu espaço, consolidado com a chegada do profissionalismo no futebol em 1933. A Gazeta já fazia sucesso com a publicação da página de esportes às segundas-feiras desde 1928, época em que o precursor *Jornal dos Sports*, dirigida pelo cronista esportivo Mário Filho, já cumpria bem seu papel de promover o espetáculo esportivo para conquistar mais leitores. Da chamada grande imprensa nacional, o jornal *O Estado de S. Paulo* foi o último a dedicar poucas colunas ao futebol, política que viria a abandonar somente a partir dos anos 60, quando já não era possível resistir, devido ao impacto proporcionado no público pela conquista do primeiro título mundial de futebol pela seleção brasileira em 1958.

A imprensa esportiva nacional desenvolveu-se, assim, a partir da percepção dos empresários de que aquele tema interessava a um grande número de leitores, mas este processo lento ainda está em curso, observando-se hoje uma tendência de valorização extrema do esporte mediante as necessidades de ampliação das vendas por parte dos veículos, dentro da lógica comercial do lucro. O enigma que se coloca hoje para a classe empresarial da comunicação é: como uma das seções mais lidas dos jornais atrai tão poucos anunciantes, talvez como reflexo do perfil de jornalismo inferior ou *alienante* dentro do jornal-padrão, como será visto posteriormente.

Desta imprensa esportiva se servem, com o objetivo de divulgação pessoal, os dirigentes dos clubes, chamados 'pejorativamente' de cartolas,⁶ por sua identificação com o objeto que simbolizava o poder, na época do fortalecimento do futebol como esporte de massas. O peso do 'cartola' foi mais bem definido pelo pensador do futebol Neném Prancha⁷. Ele estabeleceu um paralelo entre o lance mais radical do esporte e o poder do dirigente:

o pênalti é tão importante que quem devia cobrar era o presidente do clube ⁸

Dirigido por personalidades constantemente envolvidas em fatos ilícitos, mas que revelam habilidade incomum em permanecer no poder, o ambiente esportivo, em flagrante paradoxo, remete à instigante frase de Albert Camus, pensador franco-argelino que jogou como goleiro:

... o que eu sei de mais certo sobre a moral e os homens, devo ao futebol.⁹

As controvertidas personalidades chamadas ‘cartolas’ são contempladas com inegável ascensão social, notadamente no decorrer deste processo de simbiose de suas atividades desportivas com o espaço concedido pela mídia. Na Bahia, como craque da arte de identificar suas pretensões políticas com a capacidade de conquistar títulos pelo Bahia, um especialista neste mister, o ex-policial Osório Vilas Boas, fez uma escola que resultou em alunos aplicados até os dias de hoje, transformando a carreira de vereador em um projeto de vida. Falecido em 2002, Osório admitia seu talento na arte de persuadir os *eleitores-leitores-torcedores*, como pode ser designado o novo ser, por assim dizer, criado pela mídia esportiva:

a partir de 1954, quando assumi a direção do Bahia e o popularizei, conseqüentemente meu nome ficou sendo mais conhecido e isto ajudou, claro que sim, para que me reelegesse vereador em 1954¹⁰

O dirigente tem como rival, nos anos 60, o rubro-negro Ney Ferreira, cujos métodos de pressão sobre a imprensa são, até os dias de hoje, comentados pelos torcedores mais velhos. Raimundo Rocha Pires e José Rocha são outros cartolas que seguem esta tradição nos anos seguintes. O poder do Ba-Vi, como se denomina a rivalidade entre os grandes clubes de maior torcida baiana, Bahia e Vitória, no jornalismo esportivo impresso tem como principais herdeiros da tradição de Vilas Boas e Ferreira, os dirigentes Paulo Maracajá, hoje conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios, depois de várias eleições como vereador e deputado estadual, e Paulo Carneiro. No Bahia, vem se fortalecendo também uma nova linha de sucessão: Marcelinho Guimarães, filho do presidente atual, deputado estadual Marcelo Guimarães, foi eleito vereador, e hoje é deputado federal, tendo se empenhado para ampliar ‘bases eleitorais’ entre os torcedores do

Bahia, embora trabalhe com mais frequência junto ao público da península de Itapagipe, subúrbio de Salvador, pois já desenvolvia carreira política antes de chegar ao poder no clube.

É possível observar, em uma análise das informações sobre a gênese da imprensa esportiva no Brasil, no final do século passado, como o perfil do cartola foi se modificando. No início, era o próprio atleta quem organizava os clubes. Mas, no momento em que uma mídia especializada apresenta, entre os diferenciais, a capacidade de veicular emoções, ao publicitar os resultados dos jogos entre os clubes e comentários sobre o desempenho de ídolos das multidões, o cartola também passa a se modificar, ganhando mais poder nos clubes e, em consequência, mais visibilidade na página esportiva.

O fenômeno aumenta de interesse quando se percebe que, do ponto de vista da história, o futebol é, desde sua origem, gerador de elementos de contradição capazes de provocar alterações profundas em sua estrutura.

Conhecido como 'esporte bretão', por sua raiz inglesa, o futebol consolidou-se na sociedade, permitindo o acesso dos trabalhadores a sua prática, deixando a plebe de formar apenas a assistência, para se transformar em protagonista do espetáculo. É neste contexto de multiplicação de mitos via microfones e folhas de papel impresso que começa a se firmar a categoria do cartola, que passou do perfil de empresário capaz de tirar dinheiro do bolso para bancar o esporte para o de desconhecido capaz de construir carreira política, depois de obter a simpatia do público esportivo.

Ainda assim, a vida de desportistas ou jornalistas importantes vem merecendo a preferência dos escritores bem como as coletâneas de artigos e crônicas sobre as diversas modalidades esportivas. A abordagem teórica sobre o trabalho especializado do jornalista esportivo encontra-se em raros capítulos de livros¹¹. Mas este quadro de abstinência acadêmica em relação ao esporte já mostra sinais de mudança. Na universidade espanhola, há um movimento para garantir ao jornalista esportivo um preparo profissional especializado¹². A preocupação com o estilo deste jornalismo altamente especializado também já inspira pesquisadores¹³. No Canadá, o meio acadêmico evidencia avanços na absorção do jornalismo esportivo como tema de estudo imprescindível na contemporaneidade¹⁴. Na França, uma das principais publicações voltadas para o jornalismo dedicou uma de suas edições mais recentes para o tema¹⁵. Já na universidade brasileira, são registrados raros exemplos de pesquisa sobre o relacionamento entre jornalismo esportivo e dirigente de clube, como a que foi apresentada em 1981, na Universidade de São Paulo, apesar de o futebol, como linguagem e fenômeno social, já ter merecido profundas abordagens acadêmicas.

Em São Paulo, o professor Ouhydes Fonsêca abordou tema similar ao deste trabalho

em sua dissertação “O ‘cartola’ e o jornalista (Influência clubística no jornalismo esportivo de São Paulo)”. No seu estudo, Fonsêca (1981) estuda o relacionamento do jornalismo esportivo de São Paulo com as principais fontes de informação: atletas, técnicos, dirigentes de clubes e entidades esportivas. O professor traça ainda uma trajetória desde as origens do esporte como auxiliar na luta pela sobrevivência humana, atividade de lazer e como competição amadora ou profissional que levou os veículos de divulgação coletiva a se interessar pelo fenômeno. Estudo desenvolvido pelo autor, concluído como dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Ufba), com o título ‘O jornalista e o cartola’, toma do professor Ouhydes este ponto de partida para reiniciar, 20 anos depois, a abordagem desta temática específica e tenta acrescentar contribuições à compreensão da estrutura e funcionamento do ambiente esportivo impresso, tendo como cenário os jornais impressos de Salvador e o relacionamento dos jornalistas com as fontes dirigentes de clubes na Bahia. No momento de conclusão do trabalho, em dezembro de 2003, foi tomado como sinal de fortalecimento do tema nos cursos de Comunicação de nível superior, a criação das cadeiras de Jornalismo Esportivo, na Faculdade Social da Bahia, e Comunicação e Esporte, nas Faculdades Jorge Amado, ambas sediadas em Salvador.

Para iniciar a compreensão do ambiente a ser estudado neste trabalho, vale a pena abordar uma questão que sempre esteve em discussão no jornalismo esportivo. É uma inquietação básica que parece se complicar à medida que se tenta explicar. O jornalista esportivo deve ter clube de preferência? Pode este profissional pago para reproduzir a realidade esportiva em um discurso noticioso utilizar-se do direito cidadão de ter um clube para torcer? O jornalista esportivo tem sempre um clube de preferência, mas o problema é decidir se quer deixar evidente tal preferência. Não há consenso sobre o tema. Entre os jornalistas, existem os que preferem ficar em segredo, alegando que este sigilo garante a imagem de imparcialidade perante o público. São os que se anunciam torcedores de times de pequena torcida, como Galícia, Ypiranga e Botafogo, na Bahia, ou preferem aderir a times de outros estados, a exemplo de Palmeiras, em São Paulo, e Fluminense, do Rio de Janeiro. Mas outros preferem se declarar apaixonados por algum grande clube local, Bahia ou Vitória, acreditando que a omissão da informação seria uma mentira e isto afetaria mais a sua credibilidade.

Pesquisa realizada entre os integrantes das editorias de esportes baianos, em 22 de fevereiro de 2003, revelou 100% de adeptos de clubes (Figura 1), em alguns casos, com preferência mista por times locais e de outros estados.

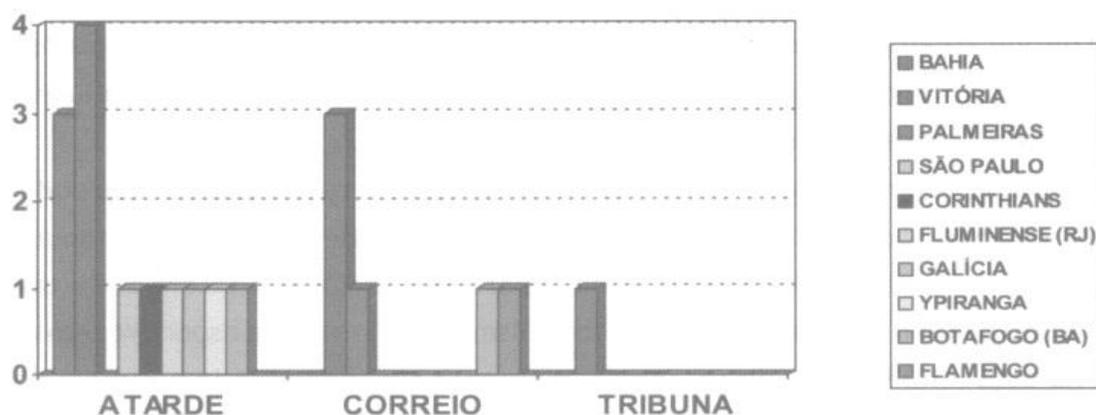


Figura 1 - Times para os quais os jornalistas esportivos baianos de meio impresso afirmam torcer. Informações coletadas em amostragem realizada na tarde de 22 de fevereiro de 2003 com os jornalistas que estavam a serviço, nas redações, nesse dia.

A partir desta amostragem, foi possível identificar três tendências: a) jornalistas que assumem torcer por um grande clube local e preferem ser honestos em expor sua preferência, embora saibam que o custo das cobranças por parte dos leitores é maior, pois sempre estão sendo questionados por sua imparcialidade, em constante dúvida, e, ao menor indício, passam a ser vistos como agentes de favorecimento a determinados times em detrimento de outros; b) jornalistas que dizem torcer por pequenos clubes locais e acreditam, com esta definição, construir um escudo protetor imaginário no qual garantem a exigida imparcialidade para o exercício profissional, embora sintam-se acusados de enganar o público e os colegas, que consideram estapafúrdias ou sempre sob suspeita a identificação com os times de menor expressão e em processo de extinção ou já extintos; c) jornalistas que afirmam torcer por grandes clubes de fora do estado e que, na mesma construção realizada pelos jornalistas do item b, acreditam erguer uma cortina de fumaça imaginária para que não sejam cobrados por suas reais preferências, mantidas em sigilo ou com maior discrição, embora sempre questionados pelos motivos que os levam a gostar de um time de fora do ambiente esportivo baiano, em flagrante contradição com uma visão regionalista que impera no meio, segundo a qual o jornal local tem de defender e noticiar, com ânimo positivo, os assuntos dos times do estado em oposição aos de fora.

Esta problemática é central nas preocupações deste trabalho, uma vez que o amor do repórter por um determinado clube poderá também envolvê-lo de forma arriscada com os seus diretores. Como inevitável consequência destas relações perigosas, as influên-

cias negativas sobre a ética prejudicariam a qualidade da informação levada ao público. Ao definir o campo específico desta pesquisa como complemento prático a este trabalho, ficou entendido que seria mais importante estudar a questão da influência que o jornalista sofre e exerce na convivência com o cartola.

Deve-se fazer a ressalva de que as influências, cuja reciprocidade não pode ser descartada, não são sempre más, bem como não se pode generalizar a fama negativa construída pelas atitudes polêmicas da maioria dos cartolas. A tarefa deste trabalho se concentra, além de situar o papel do jornalismo e do jornalista esportivo, em confirmar se há essa influência, e de tal forma, que possa ser identificada por meio dos textos publicados nos jornais, entrevistas com os atores da cena esportiva e a observação no cotidiano profissional. Mas, como atividade humana de volume intenso de contradições, torna-se impossível definir fórmulas ou categorias que possam ser abrangentes na plenitude desta problemática, pois os jornalistas esportivos não conseguem encontrar respostas satisfatórias para a busca pela definição clubística e como se posicionar diante do público leitor.

A preocupação mais intensa, no início, foi situar a atividade do jornalista esportivo em meio ao universo da comunicação de massa, constatar a extensão de sua relevância, como se dá sua evolução e de que forma ele se cristaliza como agente de especialização dentro do jornalismo. Pela percepção que a vivência traz, é sabido que o jornalismo esportivo vem sofrendo mutações nas duas últimas décadas em Salvador, mas quais foram as causas deste fenômeno? Quando estas alterações teriam ocorrido? Quem ou o quê as teriam provocado e se ainda estão gerando as mudanças? Quais seus efeitos sobre a profissão, o veículo e o leitor e até onde elas poderão ocorrer?

Tornara-se necessário, no entanto, estabelecer o recorte sobre o tema, o que significava evitar abordar o jornalismo esportivo em todas as suas inúmeras ramificações, ou cair no mero serviço arquivístico de pesquisar a história da atividade na Bahia, pois estas duas opções tornariam o trabalho inócuo. Nesse recorte, portanto, foram descartados os meios eletrônicos de comunicação, focando a atenção no jornalismo impresso, com destaque para os jornais diários editados em Salvador. Desta forma, buscou-se confirmação para a principal hipótese deste trabalho, qual seja, a de que o jornalista esportivo, em maior ou menor escala, vem ampliando a autonomia do noticiário em relação à fonte representativa do clube ou o dirigente esportivo candidato *a cargo eletivo*. Embora não se deva vincular em uma relação de causa e efeito, a derrota dos cartolas nas últimas eleições coincide com a redução no número de inserções nas páginas de esporte desta polêmica figura do futebol brasileiro, o que poderia motivar novos trabalhos com esta temática, apesar de ter sido extinta nesta última dissertação a linha

de pesquisa Mídia e Política do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação (Facom) da Ufba.

NOTAS

1. GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre: Tchê!. 1987, p. 55.
2. FONSÊCA, Ouhydes João Augusto da. **O “cartola” e o jornalista (influência clubística no jornalismo esportivo de São Paulo).** São Paulo. 1981, mimeo. p.19
3. RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1976. P. 82
4. BARRETO, Lima. **Feiras e Mafuás.** São Paulo: Brasiliense, 1956.
5. VINNAI, Gerhard. **El Fútbol como ideologia.** Madri: Siglo Veintiuno, 1974. p. 32.
6. NOGUEIRA, Armando. **A ginga e o jogo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 157-158.
6. Revelador de talentos para o futebol nas praia do Rio de Janeiro que se notabilizou pela produção de conceitos e frases de efeito sobre o ambiente esportivo, tornando-se referência no setor.
7. ZAMORA, Pedro. **Assim falou Neném Prancha.** Rio de Janeiro: Editora Crítica. 1975. p. 32.
8. ZAMORA (1975) p. 33.
9. VILLAS-BOAS, Osório. **Futebol, Paixão e Catimba.** Salvador. 1973. p. 22
10. ERBOLATTO, Mário. **Jornalismo especializado.** São Paulo: Atlas. 1981, p. 13-30.
- E BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa.** São Paulo: Folco Masucci. 1969, Pp. 339-352.
11. LOPEZ, Antônio. **Como hacer periodismo deportivo.** Madrid: Paraninfo. 1993.
12. ALONSO, Néstor. **El Lenguaje de las crónicas deportivas.** Madrid: Cátedra. 2003.
13. LOWES, Mark. **Inside the Sports Pages.** Toronto: University of Toronto Press. 2000.
14. Revista Cahiers du journalisme número 11. Decembre, 2002. Journalism Sportif: Le Défi Ethique École Superiore de Journalism de Lille.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Néstor. **El Lenguaje de las crónicas deportivas.** Madrid: Cátedra. 2003
- BARRETO, Lima. **Feiras e Mafuás.** São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa.** São Paulo: Folco Masucci. 1969
- ERBOLATTO, Mário. **Jornalismo especializado.** São Paulo: Atlas. 1981.
- FONSÊCA, Ouhydes João Augusto da. **O “cartola” e o jornalista (influência clubística**